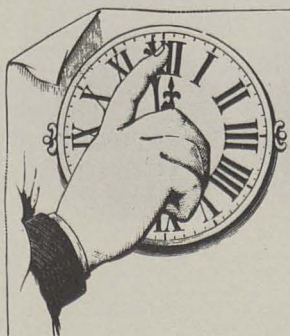


## TUDO ESTÁ NOS ANOS 20

... TUDO ESTÁ NOS ANOS 20, gosto e mundo, medo e miséria, inconsciência também, para a definição do novo século. Igualmente em Portugal, nas proporções possíveis, entre o Chiado e o Terreiro do Paço, num século XIX que não pudera nem acabar nem sobreviver. Os novos-ricos de "limousine" e maus palacetes nas Avenidas Novas, os escritores de monóculo, os monárquicos também e os novos ministros de caspa, os anarquistas de bomba e as peças do Ramada no Nacional, formavam uma sociedade coerente que só no Parque Mayer lograva sentido e existência real, em metáfora pilha. O irreal estava nas noites melancólicas dos clubes, "années folles" possíveis, entre judites magras e antunes a pagarem champagne falso. Cinemas novos, com namoros já cinéfilos em matinées elegantes e chás na "Garrett", com música, depois das compras na Baixa, perfaziam uma vida provinciana e queixosa de não poder ser outra coisa. Revoluções, havia-as pela razão por que não se fazia nada, nos ministérios pindéricos e na mandriça das casernas armadas de espingardas velhas. Governos pelas mesmas razões por que havia revoluções, e ministros por acaso de mediocridade. As criadas dos terceiros andares da Baixa, de chinelos, eram sopeiras e tinham magalas. E todos eles e elas, e Lisboa inteira, vieram da província para a ilusão da Cidade. Ilusão mesquinha, porém, ao nível dela e das Serras — dos seus serventes de pedreiro (ou construtores civis), bachareis (ou oficiais de secretaria) e marçanos (ou merceeiros). Miséria nos olhos de todos eles, chegados à cidade e incapazes de a fazerem, ou só à própria medida. Nada, nela, lhes garantia a mutação necessária; antes, deles, recebia ela os jeitos provincianos, nas ruas vazias dos seus bairros novos onde os eléctricos tilintavam a baixo preço para baixíssimos salários. Os jornais eram o que podiam ser, nos passes do bairro alto da política ou nas colunas do "carnet" mundano, e mais importavam os pregões esfomeados dos ardinás que as notícias que traziam. O Padre Manso, no "Diário de Lisboa", era a única leitura praticável para dez minutos de café e cavaco — para além da abulia programadora da "Seara Nova". Feita "para civilizar gente", a "Contemporânea" não o era de coisa nenhuma, e a "Civilização" antes pelo contrário; a "Ilustração Portuguesa" recuou logo ante o cosmopolitismo encarreirado do Ferro e a "ABC" era só capas — das quais, aliás, unicamente viviam os modernistas, em geral reprovados nos quadros pintados para "A Brasileira".





Isso à beira do museu contemporâneo que Columbano e os seus fantasmas tornavam inútil. Útil e certo, só, afinal, de sempre para sempre, o Malhoa, num Portugal que nele gostosamente se reconhecia. A travessia do Atlântico de hidrovião, com o Brasil do outro lado, para discursos de António José, foi um acto desesperado que não deu século XX a ninguém — nem o “Angola e Metrópole”, golpe certo para resolver finanças de lusitana maneira, que não conhecia trabalho e só pedia intrujice. Outro viria logo a seguir, em pé de meia de não gastar: eram ainda as Serras, e da Beira, passando por Coimbra sem saber de cidade, a qual era somente, afinal, o Alves Reis — entre ele e Salazar se disputando o possível futuro da pátria. Ganhou, é claro, o projecto rústico dum padre nosso sem filhos nem fêmea, no país castrado. Entretanto, o que havia de cidade fora-se embora com Teixeira Gomes, ficando o Bernardino a teimar na sua carreira de presidente duma I República perdida na cobiça que restava aos tenentezitos do Sidónio. “A Águia” depenou-se no Porto saudosista, quando uma “Presença” de novos bachareis lia francês, em Coimbra, literata e sincera. Mas “uma vez só”, afirmava o Pessoa, “em flagrante decilitro”, quando o Almada se procurava português para o futuro, impossivelmente em tempo algum — na grande noite descida sobre os anos 20 onde tudo está, exactamente por não ter estado, em Portugal...

Novembro 1981



## de **A a Z** os grandes temas da cultura contemporânea

### DICIONÁRIO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov (6.ª edição)

### DICIONÁRIO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A. Birou (5.ª edição)

### DICIONÁRIO DE ECONOMIA

Alain Cotta (4.ª edição)

### DICIONÁRIO DE FILOSOFIA

José Ferrater Mora (4.ª edição)

### DICIONÁRIO DE MEDICINA

Peter Wingate (3.ª edição)

### DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA

James P. Chaplin



**Publicações Dom Quixote**

Rua Luciano Cordeiro, 119,  
1098 Lisboa Codex  
Telefones: 538079/88-576040

Distribuição:  
**DIGLIVRO**  
Rua das Chagas, 2,  
1200 Lisboa  
Telefones: 369769, 369108 e 371605